

RESPOSTA  
DE  
JOÃO CARAPUCEIRO  
COMPADRE DE LISBOA  
A'S  
CARTAS  
DO  
COMPADRE DE BELEM.  
DIRIGIDAS AO ASTRO DA LUSITANIA.

---

*Agoa barria? fortuna de Pescador.  
Bandarra pag. 1500.*

---



LISBOA:

---

NA NOVA IMPRESSÃO DA VIUVA NEVES, E FILHOS.

ANNO DE 1821.

---

Com licença da Comissão da Censura.

## B I L H E T E.

**R**ECEBI a sua de 15 do Corrente: he forte pressa Senhor Compadre; por isso lhe agradão tanto as machinas de vapor.

Na minha de 13, que v. m. accusa, que para soste a sua impaciencia lhe escrevi, mandando mais Periodicos, lhe disse, que esperasse na resposta, que lhe estava dando humas reflexões saudaveis sobre as suas *trivialidades*; porém v. m. não pode conter-se. Manda-me segunda Homilia, pedindo-me, que a publicasse logo, com algumas notas minhas. Que remedio!... Eu sou Amigo!... Logo a puz em campo, e lá lhe acudi em algumas partes com os meus retoques.

Entretanto o meu Vizinho de cima, querendo introduzir-se com a sua pessoa, porque leo no Astro, que v. m. era hum Figurão, que occupava altos Empregos, aproveitando-se do intervallo, em que me dei ás notas da sua carta, forjou huma resposta á sua em meu nome, que não me desgostou pouco. Mas felizmente v. m. havia de dar logo com o engano; porque como o tal meu Vizinho he Mathematico, costumado a alto estilo, não soube accommodar-se ás minhas humildes frases, e por si mesmo manifesta a galantaria do roubozinho.

Quem melhor do que v. m. sabe, que eu de Astronomia nada entendo? Tudo aquillo de *Nucleos*, *Phases*, *Discos*, *Satelites*, *Aberrações*, *Orbitas*, *Olho de Astronomo* &c. para mim he Biscaynho cerrado. Fico como huma Creança quando vê trabalhar hum Telegrafo.

Não há embaraços, que não tenha soffrido esta resposta; mas ainda me persuado, que lhe póde ser-

vir de grande utilidade. V. m. com a lição dos Periodicos, vai-se atirando ás cousas com desembaraço, e para se conduzir seguro, carece das minhas advertencias.

V. m. atinou com a alteraçõzinha, que o Astro fez, quando transcreveo o seu dito sobre os Dizimos dos Pescadores: lá vai tambem essa descoberta na minha Carta, com huma reflexão a proposito.

Remetto-lhe o Novo Mestre Periodiqueiro, para se divertir á noite com os seus pequenos. Dizem, que he obra de algum fanatico; e que hade tirar tanto proveito della como póde tirar hum Mocho de piar no deserto.

V. m. com as suas pressas data a sua Carta de Lisboa, escrevendo em Belem. Assim se póde V. m. enganar em tudo mais, dirá o Senhor Astro; e aqui o apanha: A Deos.

SR. COMPADRE.

**A**MIGO, e Sr. Logo que recebi a sua carta, em que me ordenava fizesse imprimir a incluza para o Sr. Redactor do Astro da Lusitania, tratei de obedecer-lhe; e não lhe respondi então, porque a fallada, que ella causou em Lisboa, o que eu não esperava, me obrigou a andar muito tempo embaçado, e com grande medo no corpo. Não me lembrava se não o perigo a que me expuz, incumbindo-me de huma commissão, cujos resultados eu não tinha previsto. Envergonho-me de dizê-lo, Sr. Compadre; eu não li a sua carta, e assim mesmo, a mandei imprimir. Huma nota, que ella traz em meu nome foi posta pelo Impressor, que para isso me pediu licença, e eu com a minha costumada distracção, a tudo lhe disse, que sim.

Julgue pois qual seria o meu susto presenciando a sensação, que o papel hia causando no publico. Ora me lembrava, que elle teria expressões contra o Governo.... contra o Rei.... contra a Religião.... ou contra algum Periodico, que ainda he mais que tudo. Ora julgava, que seria algum plano, para roubar as Quintas aos Frades, e que esta nova politica, tirando do seu serio a gravidade, e a boa criação do Povo Portuguez, provocasse a sua ira, e o pozesse de má fé contra a boa Ordem das cousas, como por este motivo tem acontecido ultimamente na Hespanha. Ora cuidava, que fosse alguma exposição teimosa dos principios Democraticos, com o unico fim de dar inteiro cabo dos infelizes Portuguezes, senão pelas suas proprias mãos, pelas dos outros. Ora julgava, que pertendia

a inteira liberdade da imprensa, e que o Povo sabendo, que os mais religiosos, os mais honestos não são os mais animosos em escrever, e que Portugal não tem ainda a sufficiente instrucção, e pachorra para saber usar sem perigo desta arma consideravel, por isto se haveria amotinado, e finalmente, até me lembrou, se v. m. pertendia, que vissemos de boa feição, defronte dos nossos Templos, as Tabernas dos Judeos, o degoladoiro dos Cabritos, os Hospicios de Meka, os subterraneos de Salomão, e que lhe parecesse bem, que as nossas *Procissões de Quaresma* se encontrassem com as *Confrarias Mitradas*! Quanto póde o medo! tudo isto se me figurava, e a minha ignorancia me persuadia serem cousas dignas de espanto, e de castigo. Mas deste susto estou agora mais aliviado, porque, succedendo entrar eu por acaso em hum desses Lausperennes da ociosidade, em que v. m. falla, tive a fortuna de ouvir a hum rancho de alguns vinte *Moços* de 15 até 30 annos, *formados em todas as sciencias*, que as minhas opiniões erão erros velhos bolorentos, e que, o que eu julgava hum mal, era hum verdadeiro bem da humanidade; mas que esta descoberta era moderna. Então attribui tudo á minha velhice, e fiquei nesta parte descansado.

Como lhe hia dizendo: depois, que me constou o motim, que fez a sua carta, he que tive o maior dezejo de a ler, para ver com os meus olhos a imprudencia, que commetti, e o laço que v. m. me armou.

Com este destino, sahi finalmente de Casa; depois de ter passado bastantes dias de nojo, sem ver sol, nem lua. Assim caminhava como quem sahe do Segredo, franzindo os olhos, e embicando o chapeo; quando, ao voltar huma esquina, me vejo abraçado com hum Homem, que vinha correndo, e trazia huns

massos de papeis. Como eu vinha assustado, este encontro sobresaltou-me. Cuidei, que fossem autos de devassa, e que o Portador fosse algum Sr. Esbirro, que pertendia alli mesmo, agarrar-me: mas não era assim. O Homem, recuando hum passo, appresentou-me os papeis á cara, perguntando-me se eu os queria ver. O que Senhor? lhe perguntei eu, zangado; que papeis são esses? São os Astros, me respondeo elle; ainda estão quentes da imprensa. Julgo, que o Sr. chega ha pouco de fora; está assim espantado! Se quer instruir-se perfeitamente do grande negocio, em que todos, com v. m. estamos empenhados, deve comprar este papel; se elle faltasse, já se não podia endireitar o Reino, e ninguem saberia fazer huma Constituição á Hespanhola. Assim tome o meu conselho, chegue aqui abaixo á Loja para onde eu vou, e compre a Collecção toda. Olhe, que de Povo lá tem á porta! Alli acha v. m. mais de huma duzia de Periodicos. V. g. o Portuguez, o Liberal, o Patriota, e até hum Artista, que se exprime cá pelas minhas frases, e por isso gosto delle; para haver de tudo, ha este, para os que não passarão das escolas de primeiras letras; mas como o Senhor Astro nenhum! He lá dos Senhores, que tem estudos; e os que Governão, governão-se por elle. V. m., com isto, faz duas obras boas, a 1.<sup>a</sup> he de Caridade, sustentando este officio, a 2.<sup>a</sup> he de aprender a fallar fino em qualquer materia, e tirar algumas nevoas, que tenha nos olhos, que talvez o obriguem a ter paixão por muitas bagatellas, que nada valem . . . . Basta Senhor, basta, lhe disse eu, estou convencido, eu o acompanho, e lhe agradeço a inculca. A mim, bem que não tenha lido os Periodicos, não me he desconhecida a sua fama . . . . Hia continuando, eis que hum bando de Rapazes me cerca, hum me empurra, outro me agarra, e todos

a hum tempo se põem a gritar — compra Freguez? compra a Carta do Compadre de Belém?... Cobrião-me todo com as cartas. A este tempo já o Carreteiro dos Astros se ausentava não se atrevendo a forçar o cordão dos Rapazes, que me sitiavão.

Vendo-me, no meio dos Rapazes, admirei, por hum pouco, os altos destinos da sua Carta; achando exquisito o modo porque me procurarão os dous papéis. Está visto, que para me livrar dos Rapazes, eu lhes comprei a Carta; e mesmo precisava della, como já lhe disse, porque a não tinha lido antes de impressa, por satisfazer promptamente as suas ordens. Satisfeitos os garotos deixáráo-me, e corrêão a atacar outros passageiros. Estes encontros rapidos, e fortes, tinham-me tocado os nervos, molestia, que padeço desde que V. m. começou a queixar-se da sua gota. Tinha concorrido para a minha agitação, o ter observado, que a maior parte daquella Rapaziada foi, a que no dia 11 de Novembro do anno passado tinham representado a Nação, e decidido em altas vozes, que tirassemos os chapéos á Constituição Hespanhola. Convencido dos seus poderes estive tremendo, que se lembrassem de mim para alguma cousa grande; porque os Rapazes são agora tão espertos, que conhecem os Homens capazes só pela cara. Não se ria V. m. Senhor Compadre, por se me figurarem alguns mosquitos como Castellos, porque, eu confesso, que tudo pôde proceder da minha queixa de nervos; mas o que me consola, he que muitos, e muitos de consummada honra, e conhecimentos, divisão as mesmas imagens, que eu vejo: ou eu tenho tanta razão como elles; ou elles padecem tanto como eu. O que sobre tudo me affligia era, que eu sentia, e sinto hum certo que, a que eu chamo amor da Patria, que me fazia dar grande pêso a tudo; mas huma confusão de idéas

me fazia andar embatucado , e triste , dezejava fallar , mas não sabia como. Graças a V. m. Senhor Compadre , eu lhe devo os conhecimentos , que já tenho em Religião , e Política ; por sua causa tenho lido os Periodicos , e sem mais cerimonia , estou habil para ler de cadeira sobre qualquer materia. V. m. o julgará pelo discurso desta Carta. Mas lá me perdi outra vez da historia . . . .

Tomei animo , e fui procurar a Loja dos taes papeis. Fiquei dez , ou doze passos fóra do balcão , porque , em todo este entervallo , estava huma pilha de gente. Não me foi possivel antes de huma hora bem puchada , descobrir a cara do Livreiro. Metia dó , tão vermelho , tão suado ! porém risonho , e incançavel. Desfez-se em vender Astros , e Cartas , em quanto o Caixeiro inculcava outros Periodicos , que não se querião desapegar de Casa. Passada aquella enchente , era chegada a minha vez ; mas , fui ainda embaraçado por hum Homem de voz grossa , que pedio *Os Direitos do Povo Portuguez* hum livro dedicado ao Exercito pelo qual deo 480 réis , pedio *Portugal Regenerado* , e o *Projecto do Regulamento das Cortes* , dando grandes elogios a todas estas obras ; mas o Livreiro não podendo tal ouvir , sempre o reprehendeo , dizendo-lhe , que com aquelle dinheiro podia levar 200 Periodicos aproveitando melhor o seu tempo. O Homem , que não era de graças , fez-lhe huma carranca , e foi-se.

Agora o Senhor , diz o Livreiro voltando-se a mim. Pois V. m. ainda tem braços , pernas , e cabeça para mais ? lhe tornei eu. Isto he aproveitar a sorte , me diz elle. Muitos annos estive a minha Loja em ferias , porém ha quatro mezes tenho ganho por toda a minha vida. Nunca esperei esta fortuna. Já posso mandar meus filhos a Coimbra , e ter garrafa á meza de juro , e herdade. Se este lucro me vem de 10 por

cento dos papeis , que vendo ; veja quanto não tem ganho os seus Authores ! porem elles o merecem , por terem aberto os olhos ao Povo. Assim mo tem elles affirmado , porque eu , bem o póde suppor , não leiõ as suas folhas. Pois he chegada a occazião , lhe disse eu , de se abrirem tambem estes meus. Venda-me todos os Astros , que tem sahido até hoje. Promptamente assim o fez. Comprei alguns dos outros , paguei , e despedi-me do Homem.

*De Soberbo com carga tão formozza* , tomei novo aspecto , já me sentia outro homem. Os papeis forão aquecendo , e só por este contacto , eu sentia , que o meu pensamento hia já chocando algumas idéas brilhantes. Semelhante effeito tinha eu já experimentado com os Medicos ; muitas vezes , bastava elles receitarem , para eu ir logo conhecendo melhoras ; assim não dava incommodo aos Boticarios , e escapei de muitas experiencias. Nesta ultima parte differe a comparação ; porque a pesar da influencia , que eu já sentia com o calor dos Astros , eu não queria deixar de os provar , antes toda a demora me impacientava , tanto pelo meu proveito , como para poder informar a V. m. do resultado do seu negocio.

Com effeito meti-me em casa , tirei a chave da porta , e dei-me todo á carta , e aos Periodicos. Folheei , confrontei , reflecti , fiz os miolos em agoa ; porém julgo ter aproveitado. Isto he claro , disse eu , são maravilhas. He bem certo , que as cousas não são difficultosas , senão em quanto se não fazem , e tudo vai de as explicar bem ; feita esta explicação as cousas vão mesmo escorregando por si , e lá vão calhar nos seus devidos lugares ; o ponto está diffinir bem a natureza dellas , como tenho observado nos Astros. As nossas idéas estavam prezas , não conheciamos , nem reparavamos nas suas tendencias , e usos : mas como havia

de ser se hum medo de creanças lhe embaraçava os vãos. Hoje porém livres, e soltas, lanção-se com valor ás cousas, e n'hum instante as concebem, e melhorão, e como partirão com impeto, e enchente de habilidade até as melhorão de mais, porém o que he bom nunca pôde ser demasiado. Mas isto do bem demasiado talvez V. m. me pergunte, o que seja; eu o satisfaço com hum exemplo. Hum Homem entrou na loja de hum Barbeiro, para lhe fazerem a barba, dizendo, que a queria bem feita, e depressa. O Mestre, que era desembaraçado, ainda bem não tinha ouvido a recommendação, já estava nos bicos dos pés, de ferro alçado para a manobra. A penas tinha começado, já o Freguez chiava; quiz levantar-se, e fugir da navalha; porém a barba estava já feita. Admirado do effeito, palpou a cara, e achou, que em humas partes faltava a pelê, e n'outras tinha ficado o cabello; voltando-se então ao Barbeiro, lhe disse „ Esta não esperava eu. *Alguns Mestres levão coiro, e cabello; porém V. m. deixa o cabello, e leva o coiro!* Sim, Senhor, lhe respondeo elle, he porque V. m. não entende. Eu faço as cousas bem, e depressa, e quando chego a navalha ao pêlo, he deveras.

Com que, meu rico amigo, he necessario soltar inteiramente as idéas, para experimentar os seus destinos, em isto se fazendo, tudo he plano. Quem pôde conhecer as propenções de huma Aguia, de hum Pato, e de huma Raposa, estando estes tres animaes metidos em huma gaiola? Abra-se-lhes a porta . . . O Pato corre para o charco, a Aguia voa para os Astros, e a Raposa bota-se aos Frangos do Visinho. Mas, até alli, não se conhecião os seus prestimos; que he o meu dizer.

Ora, Senhor Compadre, vâmos á sua carta, V. m. não teve razão em não se aconselhar primeiro comigo,

e communicar-me particularmente os pensamentos , que lhe tinham lembrado sobre tantos preciosos artigos desse Periodico , que tanta paixão lhe deve. Se assim o fizesse , eu o teria lido , e examinaria a sua Carta , e talvez o livrasse da surra , que tem apanhado , e apanhará para seu castigo.

V. m. morando em Belem , as luzes do Astro devem-lhe chegar lá mui enfraquecidas ; assim não faz V. m. valentia nenhuma em querer apagar huma luz debilitada. Se V. m. estivesse aqui na sua nascente , em vez d'esse máo desejo , admiraria o seu brilhantismo , como agora a mim me succede. Mas como a ignorancia he incauta e atrevida , V. m. não comprehendendo o importantissimo prestimo d'aquellas luzes , por isso , se pôz a assoprar nellas como huma creança.

Pois agora sua Avó , que lhe acuda. O Astro está em braza , e vai fulminando rayos sobre a sua Cabeça. E que remedio terá V. m. senão apanhar huma chuva de fogo ! Deixe-me ver , Senhor Compadre , se eu lhe posso deitar alguma agoa em cima , para que não seja incendiado. O Astro tem razão ; mas V. m. não o tem entendido bem , por isso merece alguma contemplação. A unica verdade , que V. m. disse he , que não tem barbas para fazer Evangelhos ; porém eu accrescento , que tambem he muito fraco para Humilias. Como pôde V. m. discorrer sobre o que não entende ? Porém , o que se lhe não deve perdoar , he o seu estillo de zombaria , de maneira , que não se sabe se V. m. não entende bem as cousas , ou se finge não entendellas. Mas em todo o caso tratar de peta discursos de tanto proveito he aggravar dobradamente a sua culpa.

Principia V. m. logo , na primeira reflexão da sua Carta , a fechar os olhos á luz do Astro , que o queria illuminar , e está-se metendo pelos olhos , que V. m. ficou perfeitamente em jejum a respeito de toda

a lição, a que se tinha applicado. Diz V. m., que antes de ler aquelle Periodico assentava, que para ser hum verdadeiro Patriota Constitucional, amante da Patria, e defensor da justa Causa devia fomentar, e manter a união dos Cidadãos com o Governo, e vem com pés de lá inculcando, que o tal Periodico manca neste dever; e então porque? porque justamente se queixou de se não terem feito alguns milagres, de que havia tanta necessidade. Por exemplo o Thesouro Nacional estava varrido, era hum milagre bem necessario o enchello; do qual se seguia logo o outro de se pagar a quem se deve, o que faria tapar tantos milhares de bocas vazias de pão, que he o mal, que se mete mais pelos olhos. A nossa Marinha tem apodrecido nos lodos da America. Os Piratas vem apanhar os Navios debaixo das nossas janellas; e era hum milagre visivel apparecer hum cento de Brigues, que trouxessem aquelles Ladrões para o Limoeiro. O Povo, que vive da Agricultura, e das Artes está na maior miseria, e vive em perfeita ociosidade. O Governo muito bem conhece, que tudo isto provém de causas antigas, e que he necessario tempo para removellas; que milagre não seria acharem-se os lavradores n'hum momento com as algibeiras cheias de dinheiro, e os Artistas com as lojas cheias de compradores ricos! Se este milagre não se podia executar por ser necessario antes desfazer alguns, que os Estrangeiros de nós alcançárão, poderia emprender-se outro maior, porém mais facil, por ser todo em casa, que era pôr os Frades a fazer çapatos de oréllos, a apregoar Lamparinas pelas ruas, a vender graxa, pederneiras, greda, pós para dentes &c., á imitação dos trabalhos dos antigos Monges, para, livres da ociosidade, ganharem o pão com os seus suores, e tirados os seus dominios, em que ha minas de ouro perdidas, distri-

buir estas minas pelos Povos, e isto, que dizem alguns, que nada vale, que logo desapparecia, e que como ninguem medra com o alheio, augmentar-se-hia o numero dos pobres, porém que nada dizem, era hum milagão de encher. Desde a memoravel, e glorioza epocha da nossa Restauração Politica já isto podia estar feito, e aproveitado. E póde V. m. negar, que tudo isto vinha do Ceo? . . . e que o Governo nenhum destes milagres fez? Cuida V. m., que tudo isto no Astro he impertinencia? e que he accusar o Governo á Nação, ou manchar o respeito, que áquelle deve ter? muito se engana! se V. m. não entende mais!

Toda esta canceira no Astro, nasce daquelle zelo, em que V. m. não abunda. Gedeão, sendo inspirado para livrar os Hebreos do jugo dos Madianitas, pareceo-lhe este successo tão grande, que pediu a Deos milagres, que o convencessem. Que muito he pois, que o Senhor Redactor do Astro, para alcançar, que o Povo rustico se persuada das suas melhoras, pedisse ao Governo milagres, que o convencessem? Este meio he decisivo; e se muitos milagres se pódem fazer n'hum dia, quantos se devião ter feito em cinco mezes? mas, por isso mesmo, he que he bom lembrallos. Tem por tanto o Senhor Astro muita razão, no que diz, V. m. he que foi fora dos eixos. A lembrança he sublime, V. m. não a pescou. A sua Humilia neste artigo ja não vai boa.

Esperre V. m., que não leva só esta. Veja o Astro N.º 38 Em? que resposta! O Astro defendeo, que os Membros do Governo podião ser como Santo Antonio em toda a parte, e occuparem juntamente as presidencias de todas as Commissões. Explicou aos seus correspondentes peló oraculo de *Mónica Peres* humas palavrinhas preciosas do *Texto Hebreo Hespanhol*: e então não está provado, que elle inculca o respeito

ás Authoridades , e procura unir o Povo com o Governo? E além disto , para que V. m. se não assuste cuidando , que os Periodicos , com as suas cartas em retalhos , influem alguma cousa neste mundo , elle lhe conta , que em Inglaterra no tempo da Guerra da Peninsula Sir Brudet com huma escolta de Periodicos , tasquinhára muito bem o seu Governo ; mas o Governo seguindo a opinião Nacional deixou-os fallar , e fez o que lhe pareceo ; e esta confissão heroica , não he para que V. m. se persuada , e socegue , que , ainda que os Periodicos escrevão Catillinarias , e temporaes desfeitos , o nosso illuminado Governo , os Varões respeitaveis das Côrtes , conformando-se com a opinião Nacional , hão-de permanecer firmes nas bazes do Honesto Character Portuguez , e seguir constantes aquelle caminho da moderação , que só tem realidade , que unicamente nos póde salvar , e deparar-nos o augusto fim , que procurámos? Ora parece-me , que só este bocadinho deve captar a sua benevolencia , e se á vista de tantas luzes , ainda V. m. não vê o dia , então não sei que lhe faça.

Se V. m. não comprehendeo aquella primeira parte do *tempo perdido* ; he tambem natural , que não atinasse com a segunda , por mais importante , e delicada , isto he , a falta de *Cathecismos* , e o *Silencio intempestivo dos Bispos* ; e como não entendeo poz-se a rir. Porém o caso he , que o Senhor Astro sabe , e guarda lá comsigo , a razão porque V. m. se ri ; eu , fallo-lhe a verdade , não a adivinho. Li a explicação , que elle fez no seu N.º 39 do modo porque ajustou tão bem na cabeça de hum Alumno de Themis a cabeça de hum burro. Li a Carta do Bispo de . . . ao Imperador Napoleão , creio que tudo isto alli está para que os Leitores o conheção , Senhor Compadre , mas apesar disto eu não posso adivinhar o que o Astro

diz , que adivinha. Tomára , que melhorasse da gota , e me viesse revelar o segredo ; porque se V. m. occulta alguma tenção maligna , debaixo de tão honradas reflexões , então eu o arrenego Senhor Compadre. Longe vá o seu agoiro. Suma-se , quem deveras não ama o bem publico.

A theoria , e a pratica fazem o completo de huma cousa ; mas quando se não póde obter huma dellas , que se deva desprezar a outra , isto só V. m. diz. O bem visivel para o Povo he a abundancia , nós a este respeito fomos rapados á navalha : mas nem por isso hum careca deixa de gostar , que lhe fallem no modo por que lhe hade vir a nascer o cabello ; quero dizer , que se da nossa Regeneração não póde nascer repentinamente a abundancia , porque não tem varinha de Condão , nem por isso deixa de ser util , que em quanto ella não chega , se comão *bons ditos* , ou *guizados Filosoficos*. Ainda que V. m. diga , que os Portuguezes illustrados não precisão *Cathecismos* , porque conhecendo a importancia do Systema não desanimão com as privações presentes , e que os ignorantes não entendem os *Cathecismos* , e que não vendo o bem na ponta do nariz , os *Cathecismos* não os fazem callar , não tem razão no que diz ; porque , para elles os perceberem , he que os Parochos os devem explicar , e fica tudo direito. Disse pois muito bem o Astro. *Os Cathecismos , tem feito grande falta !*

Quanto á obrigação dos Bispos levou V. m. tambem huma resposta de embatucar. O Cardeal de Bourbon , exemplar pela promptidão , com que faz tudo o que lhe pedem , assignando huma Humilia aos Hespanhoes , e o papel do Bispo Portuguez formão huma réplica ininteligivel da primeira ordem , que prova ser tambem hum dever d'aquelle augusto Ministerio darem lições de politica.

Ora, Senhor Compadre, vamos agora áquelle seu notavel descuido sobre os Dramas Liberaes; a este respeito o N.º 41 do Astro hade-lhe ficar na lembrança; alli se acha V. m. esmagado, por hum pêzo enorme de erudição, e o que lhe hade custar mais, he ser atacado vergonhosamente por fraco. Ter V. m. medo, e recear, que as representações de Bruto, Guilherme Tell, Coriano fossem capazes de extraviar a fidelidade dos Espectadores Portuguezes, e tornallos scismaticos; com o lambedor das expressões dos Republicanos, ninguem lhe hade louvar a acção. O que o fez certamente conceber grande susto, foi ver V. m. que o Astro inculca estes Dramas como analogos á nossa mudança politica, *e propios para estimular os espiritos amortecidos*; mas quem não vê, que isto no Senhor Astro foi só com o fim de fazer zangar os velhos. Supponhâmos, que he huma graça pezada... o publico, que lhe dê o desconto. Quando se quer obrigar a correr huma Creança põe-se-lhe hum bonito longe para o *estimular*; o pequeno, então, põe-se a correr para lhe chegar; fica porém no meio da carreira; mas isto he o que se pertendia: elle deo exercicio ás pernas. Esta he huma das receitas de segredo em Politica. Para prova disto, pegue V. m. naquelles Heroes, veja o que elles fizerão, e conhecerá, que não tendo semelhança nenhuma com o que fizemos, e devemos fazer, elles só forão lembrados como bonitos, para fazer correr algumas Creanças mais animosas neste exercicio.

Ora note Senhor Compadre, V. m. conheceo muito bem Lucio Junio Bruto; seu Pai, e seu Irmão forão tasquinados por Tarquino Soberbo, e o forte Bruto logo lhe ficou jurando pela pele. Succedeo, que Lucrecia mulher de Collatino gramou huma desfeita de outro Tarquino, de que ella muito bem se vingou

matando-se , e se o não fez logo no mesmo acto do insulto , como alguns desejariam para crer na sua virtude , foi porque tal lhe não lembrou. A gana de Bruto veio unir-se á gana de Collatino , e pondo de parte os seus odios , lembrados unicamente do bem da Patria , expulsarão os Soberanos ; e para adoçarem as suas magoas fizeram-se Consules da Republica. Dous filhos de Bruto lembrarão-se de restabelecer o Monarcha ; mas hum Escravo deo com a lingua nos dentes , os filhos forão apanhados , seu Pai os sentenceou , e veio assestir em pessoa ao seu supplicio. Ora dizer o Senhor Astro , que isto he *análogo ás nossas circumstancias* , bem podia V. m. suppor , que era graça. Quem será o nosso Tarquino ? e quem he , que dezeja entre nós ser Consul ? V. m. não , Senhor Compadre : nem eu. O outro Bruto , que na batalha de Farsalia deveo a vida a Cesar , isto não obstante assassinou o seu Heroe. Nem hum , nem outro alcançarão o bem publico , que dezejavão ! . . . .

Guilherme Tell convidado por Melctal para vingar a morte de seu Pai , a quem Grisler , Governador da Provincia , tinha feito tirar os olhos , matou com huma flecha aquelle Governador ( porque o caso de ter atirado primeiro ao pomo sobre a cabeça de seu filho , com razão o tomão alguns por fabuloso ) safarão-se do Dominio de Alberto I.º que depois foi morto pelo Duque de Soabia , e fizeram-se independentes. Esta Peça representada em 1640 , ou em 1809 era certamente analogia ; porém hoje ! quem será o nosso Alberto ? naquellas Epocas hum foi Philippe , outro foi Bonaparte.

C. Marcio , chamado Coriolano por haver tomado Coriola aos Volscos combateo o seu Soberano Tarquinio Soberbo ; sustentou o partido da Nobreza contra o Povo. Sitiou Roma , e só pelos rogos de sua

Mai Volumnia, e de sua Mulher Virgilia suspendeo os estragos, que permeditava. Que tem todos estes casos com o nosso caso? mas se nada tem, para que se assusta? só porque o Senhor Astro lhe disse, que erão *analogos*! Estas Peças, e outras que taes não ser-yem senão para nos entertermos com as virtudes machas dos figurões de outros Seculos. Hoje já não pegão aquellas bichas.

Alem disto, repare como o Senhor Astro lhe prova, que nenhuma destas Peças tem produzido o seu effeito. Diz elle, que Henrique 3.º, e Henrique 4.º de França forão assassinados, sem que tivessem sido representadas nenhuma d'aquellas Peças. Que no tempo de Luis 14 appareceo o Bruto de Voltaire; mas apesar disso elle morreo na sua cama descansado, e que os assassinos de Luis 15, e Luis 16, nunca forão nem o serão attribuidos ás representações theatraes, e bem assim as mortes de Carlos 1.º d' Inglaterra. Gustavo 4.º de Suecia, e o attentado contra El Rei D. José 1.º de Portugal. Parece concluir de todo, que os Espectaculos daquellas Peças são innocentes. Mas contra isto põe-se V. m. a gritar, alto lá Senhor Astro, ninguem o entende. Se S. Resplandecencia requeria estas Peças, para estimular o Povo reconhecendo nellas este poder, e no seu Numero 44 pede ao Governo, que mande representar *os terriveis quadros das Revoluções produzidas em todo o tempo pelas desmesuradas paixões dos Reis; e o Bruto de Voltaire, que já se deveria ter representado muitas vezes*, (1) como

(1) Naquelle número lamenta o Senhor Redactor a falta, que temos de Poetas Comicos, e pondo os seus olhos de compaixão sobre o Theatro da Rua dos Condes parece perguntar-lhe disto a causa! Muito ha para lhe responder, mas isto deve ser feito d'outra fórma, com tempo, e seriedade. Por ora só lhe quero advirtir, que aquelle Theatro tem observado em ponto pequeno o systema, que todo o Reino deve seguir de excluir manufacturas Estrangeiras, e

he que affirma, que as Representações Theatraes não

por isso merece seus louvores. Não se deve notar a hum Portuguez o andar vestido de hum panno, que parece ordinario, se este panno for de Fabrica Nacional. Assim tambem não se deve desprezar o sobredito Theatro pelo *Cerco de Nancy*, aonde além de outros prodigios, ha hum Relogio, que estando mudo em toda a representação, dá com o maior juizo humas 8 horas mesmo quando vem ao pintar, voltando depois outra vez ao seu silencio. — Pela *Cisterna arruinada* aonde depois de mui galantes encontros, em que ou todos estão esquecidos, ou fingem não se conhecerem, em cuja feiticeria anda huma senhora, que inculcando ter muito juizo se deixa cahir em logros, que qualquer creança conheceria, parecendo que por graça quer experimentar os maiores perigos, ha finalmente o bom gosto de que, sendo as entradas da famosa Cisterna conhecidas já por todos, ultimamente, sendo necessario chegarem a ellas alguns dos faes enfermos de memoria, armados, tem de escangalhar a Cisterna, e encher o Theatro de caliça, com o acerto de cahir della huma parede inteira ficando o tecto suspenso por milagre, e as outras paredes sem huma rachinha, porque estas, e outras mais semelhantes obras são manufactura nacional do Theatro, são obra de hum dos seus Cidadãos, que tendo privilegio de serem cousas de casa nenhum Poeta Portuguez, que não for daquella Fabrica tem direito a pertender, que as suas obras sejam alli representadas, e nem o patriotismo do Theatro lho consente, o que faz (e ninguem se deve queixar disso) que os Poetas Comicos Portuguezes se tenham esquecido de que ha na Rua dos Condes hum unico Theatro Portuguez. Por esta mesma razão he muito natural, que os nossos Deputados de Côrtes, soffrão com patriotica paciencia a representação do *Annel de ferro*, e desculpem se não havia razão nenhuma para que hum Principe heróe fosse convidado á queima roupa por hum accção infame, e sirva de agente voluntario, porque se o não quizesse ser, como era bem natural, então não podia existir aquella Peça, e que ultimamente, queira morrer só porque estava vivo, sem nenhuma doença perigosa. E he tambem de esperar que o Governo, que mandou dar aos *Administradores* do Theatro 2:000\$000 rs. para as despesas de hum Espectaculo pomposo, e *análogo*, digno da presença do Augusto Congresso da Nação, elles tambem, por esta vez, fizessem trabalhar só a sua Officina d'onde sahio o referido Drama, e assentem que aquella importancia se gastou em armações, musica, e lantijoilas. Neste sentido, Senhor Redactor, o Theatro da Rua dos Condes tem o espirito Constitucional: o Molier he de casa; não admitem outros.

devem assustar ninguém, porque ellas não forão causa das mortes referidas? Ou ellas estimulam, ou não; se ellas influem, as Peças alegadas ensinão o republicanismo, e louvãõ os assassinos dos Reis; e isto ainda que V. m. se esgane não nos poderá meter na cabeça, que seja útil ou honesto apresentar-se hoje ao Povo, e se não influem para que lhe dá tanto pêzo em a nova ordem de cousas! Ora sirva-se da sua receita: *quem o conhecer que o compre*, que eu não o posso entender. Pois ahí verá V. m., Senhor Compadre, mais huma razão para se convencer, que aquella politica no Senhor Astro he unicamente dirigida a fazer zangar os velhos.

Ora note mais. Elle diz, que a representação do Bruto de Voltaire não fez sublevar o Povo Francez contra Luiz 14, mas com que authoridade nos afirma, que ella, e outros escriptos semelhantes não preparãõ o insulto de Luiz 15, e o assassino de Luiz 16? o primeiro foi ferido em 5 de Janeiro de 1757 por Roberto Damiens, chamado Roberto do Diabo, que tinha odio aos Monarchas, (porém não morreo; elle foi-se de bexigas a 10 de Maio de 1774), e Luiz 16 foi morto exactamente segundo os principios dos Heroes de Voltaire: a Republica Romana resuscitou em França. Quem poderá justificar aquella Peça de não ter concorrido para tantos desatinos? Se para os assassinos de Henrique 3.<sup>o</sup> em hum de Agosto de 1589 por Jacques Clemente Dominicano, a quem Madame Montpensier, Irmã do Duque de Guisa, prometteo alcançar-lhe do Papa o Cardinalato; o de Henrique 4.<sup>o</sup> pelo Monje Ravillac em 14 de Maio de 1610, o de Carlos 1.<sup>o</sup> em 9 de Fevereiro de 1649 no Cadafalço, e outros infinitos; se para estes assassinatos não concorrêrão algumas Representações Theatraes, o que o Senhor Redactor não sabe, isso não prova que ellas

não concorrem, antes se algumas apparecêrão de certo muito terião feito, e em todo o tempo que se expõem muito hão de atizar as idéas. He por tanto aquelle hum argumento de nova edição; mas o Senhor Astro não proya, o que diz porque não quer; o seu negocio, não he convencer, he escrever, e como V. m. se assustou, e com a sua resposta lhe deo assumpto para ainda escrever, não se estendem a mais os seus innocentes brincos.

Tambem naquelle artigo, Senhor Compadre, em que se trata de aliviar a obrigação, dos que devem, com o modo facilimo de os dispensar destes deveres. V. m. não mostra aquella agudesa, que sempre lhe conheci. Pois V. m. não repara, que tudo isto he a bem da agricultura? cuida meu Amigo, que as providencias para que os Lavradores tenham facil venda aos seus generos, para que haja dinheiro para lhos comprarem, para que se facilitem os transportes, para que não sejam perturbados com alistamentos intempestivos, nem que sejam despresados, e opprimidos pelas Authoridades Civis, *unicas mãos por onde o Povo tem provado o fel do Despotismo*, e finalmente, que sejam aliviados dos tributos publicos? pois está enganado, meu Amigo. Em os lavradores não pagando *dizimo*, nem os que são foreiros *direitos Dominicaes*, fica logo tudo remediado, e a agricultura a crescer aos pulos. Deixe ir isto assim, Senhor Compadre, porque, daqui deve resultar huma consequencia, que he de summo proveito para os que não são proprietarios, e fica descoberto hum meio de enriquecer a todos com igualdade. Assim como hum foreiro, ou caseiro, não deve pagar aquelles direitos a que legalmente se obrigou, assim tambem os Rendeiros das Fazendas devem ser desobrigados de pagar as rendas, que ajustárão, porque não devem gastar os seus suores para outros come-

rem, e os Donos se quizerem sustentar-se do que têm, que vão pessoalmente lavrar, mondar, e ceifar, o que obrigará os ricos, fidalgos a descerem da sua ostentação; e por este modo sem que se roube a propriedade alhea ficão as riquezas repartidas; porque nesta hypothese o Dono existe com a sua posse, e o Rendeiro com os fructos. Demais, aqui ainda ha huma finura, e além desta outra, a primeira, he que fazendo persuadir o Povo de que o seu vexame não vem de longe, mas sim de muito perto; dos que tem alguma cousa de seu, faz-se-lhe (sem *Representações*, nem *Catecismos*) crear dezejos contra os denunciados oppressores, e assim verão de bom grado tudo, que se deva intentar contra elles; a segunda, he que sendo os fundos das Religiões pela maior parte bens daquella especie, he hum feliz preparatorio, para que sem bulha se ponhão os Frades com dono; mas isto he muito fino. V. m. não o comprehendeo, porque a gota hade-lhe ter enfraquecido os miolos. Isto são lembranças raras, e grandes máquinas, que obrão por artificios simples. Tem chegado a sabedoria de alguns escriptos, e lembranças, a hum tal acerto, e resumo, que parecem milagres. Ora que dirá V. m. se souber, que appareceo hum remedio bem facil para curar a enfermidade de Portugal? e que este remedio custa 120 réis!..... pois eu lhe conto a descoberta. » *Aviso — Sabio á luz Memorias para as Côrtes Lusitanas, que comprehendem Corpos Regulares d'hum e d' outro sexo; Corpo Ecclesiastico; Bispos; Abbades; Tropa; Penções; Economia, e Politica. He este o verdadeiro remedio para se curar a enfermidade de Portugal. Vende-se por seis vintens nas Lojas de João Henriques &c. — Astro da Lusitania Num. 45. Eu desta vida só fico contente. Que a minha terra ame, e a minha gente. Ferreira. Lisboa, 12 de Janeiro de*

1821. ” Veja, Senhor Compadre, veja que descoberta! As referidas Memorias são conhecidas vulgarmente, pelo *Cano da Rua de S. Bento*. Como V. m. está ainda longe de conhecer os proveitos dos Periodicos! Elles querem illustrar o Povo, e depois de illustrado quem cá ficar, que o ature. Huma prova desta illustração he já huma carta que vem no Astro N.º 45. *Correspondencia*. O Author já illustrado não tem papas na lingua, e não podendo soffrer, que em seu lugar fossem Deputados de Côrtes alguns Bispos, e outros Ecclesiasticos de grandes virtudes, e Letras, veja como sabe queixar-se ao Pai das Luzes de ser preterido por Senhores Reverendos! e como lhe não escapou, que a vinda de alguns Bispos parecia ameaçar hum Concilio. Amigo, gente esperta, he que nós queremos. O Author daquella Carta agrada-me, eu tambem não deixo de ter notado, que nenhum dos Deputados de Côrtes, nenhum dos Membros do Governo, nem dos Bravos Heroes da nossa Regeneração tem até agora escripto nenhum *Cathecismo*! nenhuma *Memoriasinha*, nenhuma Carta para os Periodicos, nem mesmo algum destes gravissimos papeis. O Correspondente zangou-se com o Concilio, eu zango-me com isto! eu sei! vejo os Sábios todos a fugir para o artigo *correspondencia*! . . . e os que não estão alistados, a ensinarem em duas palayras, ao Governo, e ás Côrtes, o que devem fazer!

Ahi torna V. m. a caturrar com a historia dos Lavradores, he forte cousa não sei porque V. m. quer que hajão Companhias, que sustentem a pureza, e extracção dos generos, he porque as suas vistas são muito curtas, e não conhece, que sendo todos os homens honrados, e patriotas não são necessarias aquellas providencias para a boa ordem das cousas. Cada hum de nós, pela honra que nos faz o Senhor Astro, tem

tanto zelo pelo público, tantos meios, e tantos regulamentos bem pensados, como todos aquelles, e outros estabelecimentos, que quebrantão os direitos da liberdade. Por exemplo; huma Companhia he obrigada a manter aquelle ramo de prosperidade, e não tem poder para o prejudicar, ou para o desamparar; mas isto he contra a liberdade. Cada hum deve ter poder, e juizo para fazer, ou deixar de fazer tudo, que queira, e para o fazer do modo, que lhe agradar, e assim as Companhias, as Irmandades dos Officios, as penções, e privilegios dos Pescadores, e outras *alcavallas*, como o diz o Senhor Astro devem ser abolidas. Deixar as cousas no seu estado natural, e cada hum, que cuide como costuma no bem público, o ponto está que os *Senhorios*, *Donatarios*, *Mosteiros*, *Camaras nem Estabelecimentos* os vexem, com as suas *sysmas* de quererem cobrar, o que lhes devem. Pois os Morgados! que espinhos não são nas consciencias patriotas! He verdade, que este ponto tem sido muito pensado, e discutido em França, em Inglaterra, mas apesar disso em ambas aquellas Nações ha grandes Casas Titulares, pela idéa dos bens vinculados, e ainda se não resolveo o contrario, salvo as necessarias restricções, como as que temos legisladas, e com muita sabedoria; porém o Senhor Astro he de parecer, que se decida como elle diz, e se V. m. he de opinião contraria, he porque sabe pouco das cousas.

Quando hum Cidadão, por altos serviços, que fez á Patria, se faz crédor das Distincções Sociaes, julgavão os nossos Velhos, que para honra Nacional, para estímulo, e por summa justiça se devia engrandecer o seu nome, e perpetuar a sua memoria; e como não ha outro meio para conservar estes nomes, e estas memorias, senão o de vincular patrimonios, para a conservação da grandeza daquela Casa,

\*\*\*\*

que se fez illustre , porque sem isto o nome acabaria com a Casa , e não acharia a sua posteridade aquelles meios , e circumstancias , tão conducentes , como escola de acções nobres , para a imitação das virtudes , que lhe derão o ser ; lembrando-lhes , que se os bens , que hum Cidadão adquirio por seus Serviços , e industria podessem ser retalhados ; muitas vezes filhos dissipadores os farião dispersar indignamente , matando , de hum só golpe , o Timbre honroso da sua Casa , os signaes , que perpetuão memorias , e a força fysica , que tão necessaria se faz para a existencia da força das acções heroicas ; e julgando , ultimamente , que seria sempre util ao Estado mandar a Paizes Estrangeiros Compatriotas seus , que desempenhando as commissões , a que forem mandados , apresentem fóra do seu Paiz hum nome , que honre a Patria , mostrando as distincções do seu merito , ornados da ostentação , e magnificencia , que deslumbra , e que se não tivessem prevenidos alguns viveiros destas flores brilhantes do Estado , não haverião estes efficazes cooperadores das relações , e da harmonia Politica do Mundo , e que , muitas vezes , como tem mostrado a experiencia , estes Illustres Varões suppririam com estes bens , que as boas instituições lhes conservão , a falta dos recursos do Estado em muitas destas circumstancias ; por todas estas grandes razões de verdadeira justiça , e interesse , ordenarão , e permitem os Morgados naquelles casos , e por aquellas formas , que as Leis acharão convenientes.

Mas tudo isto , Senhor Compadre , são preocupações velhas , e tem sido a unica origem da despoulação , e esterilidade do Reino. A compaixão , que o Senhor Astro tem pelos Cadetes he mais conforme á humanidade , e quando se trata de dar riquezas a todos , he necessario não escutar mais nada. A virtude da compaixão tem authoridade para revogar tudo ;

foi esta virtude , segundo nos contou o Senhor Astro , quem no tempo de D. Rodrigo fez rasgar a Lei , que prohibia as redes de arrastar ; e V. m. então pelo contrario todo entusiasmado pela utilidade de certos Estabelecimentos , Companhias , Morgados , Mosteiros , Prastos &c. , nem conhece o imperio daquella virtude , nem aperecia , a liberdade de cada hum , lavrar só para si , sem pagar rendas , fóros , penções , tributos , e outros despotismos semelhantes.

Estas idéas bizonhas tambem o precipitarão quando V. m. não quiz conceder , que os 400 réis , que paga ao Fysico mór do Reino aquelle , que quer fabricar agoardente , he a razão da pobreza dos Lavradores. Se V. m. não fosse tão esturrado conheceria , que aquella lembrança do Astro he unicamente dirigida , para fazer rir os Leitores , e communicar-lhe aquelle gosto de atirar pedrinhas ao ar , para ver se cahem na cabeça de alguém.

Porém console-se , meu Compadre , que tambem o Astro esturrou , e por amor daquillo , que V. m. disse „ *que em Portugal nunca houve Direito Feudal* „ perdeu-se , sem se sentir , do caminho , que levava. Elle atirando com as suas pedrinhas de raio á toa sobre os direitos Dominicaes , penções , tributos &c. , e fallando depois em *Feudos* , como quem vai de passagem , pertendia , com estes ditos salpicados , que o Povo , menos instruido , pudesse entender , que tudo aquillo erão pagamentos Feudaes , para que reparando nisto , sabendo que os Feudos são entre nós prohibidos , e odiados , elles achassem huma fonte de riquezas , rebellando-se , naquella persuasão , contra os proprietarios , escusando-se por suas mãos daquelles enormes pagamentos. Mas por amor de V. m. Senhor Compadre , lá perdêrão os Póvos aquella mina ! ... O Astro aproveitando a occasião de o poder vencer em his-

toria Jurisprudencia, lá lhe responde como hum Bacharel ; mas cansando-se , com muito proveito , em lhe diffinir , e mostrar a existencia do Direito Feudal ; deixa ver ao Povo , que todos aquelles pagamentos referidos , são outra cousa mui differente , e assim já não pegão aquelles *odios* , que pelo *bem publico* elle queria excitar com a tal confuzão.

Bem vê como elle se perdeu do seu caminho , e assim está V. m. pago de não perceber , que a historia do Lavrador , que tem as adegas cheias de vinho , faltando-lhe os 400 réis para a licença , por isso os não queima ; não foi senão huma graça.

Cuidava tambem V. m. , que aquelles seus ditos sobre os Pescadores da Pederneira , havião de ficar sem resposta ? assim lhe pareceo , e a mim tambem ; porém ambos nos enganámos. Ora repare como a levou pelas barbas. V. m. disse , que , o que paga o peixe he dizimo applicado á sustentação dos Ministros do Altar. Se V. m. dissesse , que era *só* dizimo , que pagavão os Pescadores , dizia huma grandissima mentira , pois he como o Astro 46 transcreveo a sua passagem , levantando-lhe , que V. m. escrevêra = *que* , o que paga o peixe he *só* o dizimo = Aquelle *só* , e aquelle *o* não estão na sua Carta forão acrescentados , para poder fallar á sua vontade , e naquella hypotese do *só* , e do *o* bem vê , que diz maravilhas. O meu receio , he que não venha o Público a perder o grande beneficio dos Periodicos Liberaes , assentando , que elles costumão fazer aquellas falcatruas , em tudo o que escrevem , principalmente nos textos , e documentos , que citão , e que por este austero escrupulo , lhe não dêem crédito algum , que os tenham de má fé , e os não comprem , e então a Deos minha vida , quem nos levará pela mão neste bosque , que encerra o bem , que procurámos ? Quem nos ensinará a fazer huma

Constituição , já não digo Hespanhola , mas ainda huma pobre Constituição Portugueza ? Quem nos ensinará a largar os Palacios , os Titulos , as Carruagens , os Theatros , os Banquetes , e hirmos de braços dados com os Reis , Principes , e Imperadores , para as Hortas plantar couves , para os Campos ceifar trigos , para os Oiteiros dispor vinhas , e para os Bosques roçar mato ! Quem nos ensinará aonde mora esta Senhora Natureza , que não vemos ha tantos mil annos , e que tem mandado ao Mundo tantos Embaixadores seus a convidar-nos para nos hirmos estabelecer na sua Colonia ! . . . Que perda , se tanto se perde ! . . .

Nada chega , Senhor Compadre , áquelle seu dito de não ser ponto de fé comerem os Frades ! pois olhe , eu sem ser Astro , nem Estrella , encontrei , outro dia , no Salmo 39 huma cousa , que lá se parece com isso ; ella ahi vai = *Ego autem mendicus sum et pauper , Dominus sollicitus est mei*. Daqui , o que se entende he que se elles , devem comer , he pelas mãos de Deos , e não pelas dos Homens. Ora se os Homens não tem obrigação de sustentar os seus Sacerdotes , logo estes não tem direitos para possuirem bens deste mundo ; porque os bens , são dos que comem , não devem portanto ter Quintas , que lhes dêem vinho , feijão , e lhes criem porcos. Quando não houvessem outras razões ; as misturas , e variedades de manjares são prejudiciaes á saude.

Antes desta descoberta , para se tirarem os bens aos Sacerdotes havia hum obstaculo invencivel , que era o sagrado direito da propriedade ; neste antigo caso , aquella medida era hum roubo , huma violencia manifesta , e huma horrivel transgressão dos vinculos Socises ; porque aquelles bens forão havidos pelas quatro fórmulas legítimas , porque todos podem ser adquiridos ; compras , doações , heranças , e industria. Co-

mendo os Sacerdotes como nós comemos , pertencem á mesma terra , que nos sustenta ; pertencendo á mesma terra são Cidadãos como nós , e gozão dos mesmos direitos sobre as propriedades legitimamente adquiridas. Além desta barreira intrespassavel , havião mais as considerações , de quanto os Estados Religiosos tem sido interessantes ao Civil , e assim o julgou ultimamente o nosso Augusto , e desejado Soberano , que Deos guarde. (1) Elles rotearão muitas terras, culti-

---

(1) Decreto = Tendo consideração aos serviços , que as Ordens Religiosas tem feito no Meu Reino , e Dominios , tanto á Religião , como ao Estado ; a deverem ser consideradas como huma classe de Vassallos , a qual , como qualquer outra , deve gozar da protecção das Leis para a *manutenção , e segurança dos seus direitos e propriedades* ; e a que , devendo permanecer como Vassallos uteis , he necessario que tenham *bens e rendimentos para a sua subsistencia* ; Sou Servido Haver-lhes por dispensadas as Leis da Amortização , e as que exigem licença Regia para possuirem bens de raiz ; para que possam ter o Dominio , possuir , e usar de quaesquer bens , direitos , ou acções , que na data desta Minha Real Determinação ellas tiverem , ou possuirem ; como se para a aquisição , ou posse de cada huma dessas propriedades , direitos , ou acções ellas tivessem obtido especial licença , ou confirmação Minha ; ficando consideradas em juizo , e fóra d'elle , no exercicio dos direitos de propriedade , ou de posse , como o são os outros Meus Vassallos , e por consequencia sem que tambem resulte desta Mercê prejuizo de direito de terceiro. E as mesmas Leis de Amortização , e prohibição de alienar , ou adquirir , herdar , ou succeder , tanto para as Ordens em commum , como para os seus individuos , ficarão em sua força , e observancia para o futuro. E a respeito dos litigios , ou denuncias pelos sobreditos motivos , ficarão sem effeito aquelles em que não tiver havido sentença passada em julgado ; e estas ficarão em seu vigor , ainda que se tenha pedido revista das mesmas Sentenças. Hei outro sim por bem que os direitos de Chancelaria , que estão estabelecidos pela amortização , os possam pagar por prestações annuaes , que se lhes poderão arbitrar pelo Conselho da Fazenda , e o valor dos predios , se liquidará por Attestações juradas pelos Prelados Maiores , ou Difinitorios de cada huma das mesmas Ordens , approvando o arbitramento do valor o mesmo Conselho , sem dependencia de apresentarem titulos , medições , ou outras verificações de posse por

vão as suas fazendas com esmero. Ensinão theorica, é praticamente a Agricultura, Elles salvárão os Monumentos da Historia, conservárão as sciencias nos Seculos da mais feróz ignorancia, creárão vastos depositos de litteratura, ensinão a maior parte da Mocidade, prestão nas maiores crises grandes soccorros ao Estado; e como proprietarios habeis, enchem os thesouros publicos de tributos avultados; defendem a Nação com a penna, e quando tem sido necessario, tambem com a espada, e finalmente soccorrem, e abrigão muita gente desgraçada; e por tanto, se fossem abulidos, era o mesmo, que secarem-se para sempre humas fontes, que produzião tantos bens experimentados. Isto pela Cartilha velha era despotico, prejudicial, e tyranico.

Porem agora, que se descobrio, que não devem comer; quem não come, não tem direitos, como os mortos os não tem; e quem não possui direitos, não pertence á Ordem Social; não tem a Sociedade obrigação, nem de os sustentar, nem de os soffrer; e não tendo esta obrigação, não deve consentir, que os Sacerdotes tenham bens, que só pertencem á Sociedade comelona. Assim estão todos authorisados para declamar contra elles, para lhe gritarem, que despejem o beco, e para fazerem a mais justa preza em tudo, que elles comprárão, que creárão, ou que lhe derão; e por mais huma razão: porque nos ensinão os Periodicos, e seus correspondentes, que sem esta derrota nenhuma constituição vale huma passa. Ora a proposito, meu Amigo, eu que sou hum bom Morgado, e por esta razão tenho nove Irmãos Cadetes, Frades,

---

serem desnecessarias para verificação desta Mercê. A Meza do Desembargo do Paço o tenha assim entendido, e faça executar passando-se-lhe os Despachos necessarios, Palacio do Rio de Janeiro em 16 de Setembro de 1817.

e nove Irmãs Cadetas, Freiras, em cada hum dos Conventos desta Capital, tive agora occasião de rir á minha vontade, com hum caso, que succede. Recebi algumas Cartas dos Irmãos Cadetes, participando-me que tinhã sahido á luz hum Decreto, ou humas *Memorias para as Côrtes Lusitanas*, que determinão, que sejam espatifados os Mosteiros, e que cada Frade sáhia em corpo bem feito com oito tostões n' algibeira. Menos máo, me dizião elles, se esta esmola, ou equivalente das nossas propriedades, durasse!... mas eu prevejo, que daqui a dias, nem huma cousa nem outra! Para que quer o Estado (os Periodicos e correspondentes) ter tanto em que cuidar; nós cá nos remediavamos sem lhe dar incommodo..... Estando nesta leitura, recebo cartas das Cadetas, não me fizerão rir, fizerão-me chorar; tudo erão preces, jejuns, penitencias, que estavam fazendo, e porque? porque o tal Decreto, ou Memorias, de finanças *Eclesiastico-politicas*, as põe tambem a ellas ao Sol, e com doze vintens cozidos no habito. E que cousas, que dizião nas suas cartas! não me atrevo a contar-lhas. Supponha, o que dirião Mulheres, achando-se com tão grandes dotes!.....

Parece-me, Senhor Compadre, que estou perdendo o meu tempo com a sua pessoa. V. m. não está ainda bastantemente illustrado, isto he, tem lido muito pouco os Periodicos, para comprehender os gravissimos assumptos, que lhe tenho aqui explicado. Porém eu faço de bom amigo. Escrevo este commentario, para que V. m. emende os seus erros, e para que antes de continuar as suas Humilias, escreva huma, em que os retracte, e diga melhor, (do que o outro disse de Homero); que o Astro nem algumas vezes dorme; V. m. he que muitas vezes sonha.

Escrevendo-lhe esta Carta, tem-me lembrado al-

gumas vezes se V. m. estará inficionado de huma certa molestia, de que o Astro tem fallado ultimamente; e que foi descoberta pelos Periodicos. Esta molestia, dizem, que faz a gente estúpida, enche os olhos de nevoas, faz os espiritos medrosos, e apoucados, e que além disto he contagiosa. Remetto-lhes o gordo Periodico *Sentinella da Liberdade* N.º 10, que traz hum decentissimo Regulamento da Junta da saude politica sobre aquella ideonda enfermidade. Leia-o de vagar, tome o seu pulso, meta lá a mão na sua consciencia, e se se achar tocado chame logo huma Junta de Periodicos, que o curem. O meu voto, he que, se V. m. não tem já esta molestia no lombo, está em disposições de a ter. Veja lá... Ponha-se logo interdicto, e avize-me, porque quero purificar as suas Cartas quando as receber.

He possivel, que V. m. não entendesse nada daquelle artigo *tempo perdido* do Astro N.º 13? nem ao menos a comparação de Cesar, e Clovis? eu lhe explico isto bem... Espere deixe-me tornar a ler!... Peor he esta, eu tambem não entendo!... Não entendo deveras!... Só se for huma cousa, que logo lhe direi — Tem tardado muito a nossa Constituição. *se por a caso*, diz o Astro, *saltasse nas Praias de Portugal*... só diremos que Cesar gastou dez annos para conquistar a França livre, e Clovis a conquistou em poucos dias, quando escrava será isto verdade! e verdade tamanha em duas palayras?... Vejâmos.

As Galias governavão-se por pequenos Principados, e Republicas, vivião pobres, e em discordias. Assentárão de se reunirem, e obedecerem a hum só Principe, então se fizerão poderosas. Debaixo do Governo dos Brennes conquistarão a Italia, tomárão, e saquearão Roma. Atravessarão varias Provincias da Eu-

ropa, e da Asia, e senhorearão Ephesio. Porém alguns tempos depois dividirão-se em parcialidades, e então Cesar os conquistou. Que casta de liberdade era esta, que elles tinham, que os tornou fracos tendo sido antes tão poderosos, e temiveis aos mesmos Romanos? A liberdade fortifica, não enfraquece. Vamos a Clovis.

Os Galos, conhecendo, que as suas parcialidades, e o seu espirito Republicano forão a origem da sua fraqueza, e logo do seu captiveiro, procurarão hum Rei, que os unisse, e os commandasse. Pharamond foi o primeiro, e começarão logo a bater seus Inimigos. Clovis não conquistou os Francezes como diz o Astro, ao contrario era seu legitimo Soberano, e expulsou da França os Romanos, os Godos, os Visigodos, os Sarracenos, os Vandales, e outros mais, que subjugavão aquelle territorio, de maneira, que elle foi o libertador do seu Povo, e até, o que creou as sábias Leis fundamentaes da França..... Eis aqui porque eu digo a traz, que muito receio, que estas falcatruas dos Periodicos nos ponhão na necessidade de passarmos sem elles.

Ora bem vê, que o tal rompante „ *Cesar gastou dés annos para conquistar a França livre, e Clovis conquistou-a em poucos dias quando escrava* „ he huma linda patranha, e huma escorregadella historica, que para os que venerão tudo, o que se acha em letra redonda faria dar grande pézo, e misterio daquelles cinco pontinhos das *praias de Portugal*.....

Porém eu faço tanto conceito do Senhor Astro, que não me posso persuadir, que elle pozesse aquelles argumentos sem sentido. Elle alguma cousa quer inculcar. Se elle pôz, que Clovis conquistou a França, não ha que duvidar. Vejamos se temos alguma pegadilha para poder applicar aquelles bellissimos argumentos. Não me escapou huma nota, que vem no Astro N.º 14 e parece-me, que ella contém a verda-

deira chave deste enredo. Isto não he ponto de fé , Senhor Compadre , he lembrança minha , e huma simples conjectura : não o obrigo a seguir o meu parecer ; porém julgue se tenho razão. Estou figurando de Commentador , e alguma volta lhe heide dar , como elles fazem.

O Povo Portuguez honrado , e virtuoso jurou manter , e guardar a nossa Santa Religião Catholica Apostolica Romana , unica verdadeira , prohibido o exercicio de qualquer outra. O Astro , que tem muito mais luzes , que este Povo , fez a esta declaração a nota seguinte : he a tal , de que fallo „ *Hum artigo por nós os Portuguezes tambem jurado , he identico ao artigo 12 da Constituição Hespanhola ; entre tanto não sabemos se as Côrtes estatuirão principios mais conformes ao Evangelho , e aos Direitos do Homem.* Esta nota he hum buscapé , que o Senhor Astro deixou cahir da mão , para ver o estrago , que produzia ; porém o Povo , que não he para graças pezadas pôz-lhe logo o pé em cima , que he o modo de apagar aquelles foguetes ; porém o buscapé sempre hia chamuscando alguma cousa. Eu lhe conto o que succedeo. Ha em Lisboa hum pobre homem coxo , que para ganhar a sua vida custuma sentar-se em algumas das Praças , a ler em voz alta os papelinhos , que correm , o que he de grande beneficio , para aquelles que passão , que não sabem ler. Na occasião , em que elle estava lendo o Astro N.º 14 passava hum rancho , que sahia das Obras publicas , parou o rancho , e ouviu a *nota*. O leitor , que a não esperava , repetio-a tres vezes , o que fez , que todos a decorassem : seguirão seu caminho. Ora V. m. bem sabe , que semelhantes ranchos , quando marchão , vão cantando trovas ; assim forão cantando a tal nota em chusma. Passando porém , por hum bairro , cujo Povo sahia da Igreja , onde ti-

nha ouvido a explicação do Evangelho, virão-se obrigados a fazer alto, e a resistir ao Povo, que indignados de os ouvir deo sobre elles, porque á força moral, que a educação estabelece, nada resiste.

Agora vamos ao nosso caso. He bem certo, que se a declaração da Religião Catholica, como diz o Astro excluindo as Seitas, não he conforme ao Evangelho, e ao Direito do Homem, segue-se, que o Povo, que a abraça, soffre huma escravidão religiosa, assim como na ordem Civil, he escravidão tudo aquillo, a que somos obrigados, sem que as Leis o ordenem.

Ora eis-aqui o modo, porque Clovis conquistou a França, e tem razão o Astro no que disse, V. m. he que não está capaz de comprehender cousas tão finas. A França antes de Clovis 1.º vivia mais conforme ao Evangelho. Não excluia Seita alguma, davão-se bem com todas; mas no tempo daquelle Soberano, perdeu essa liberdade; foi neste sentido conquistada.

Clovis era casado com Santa Clotilde. Esta grande Santa soube persuadir-lhe a Divindade da Religião Catholica, unica verdadeira. A graça de Deos tinha abrandado o seu coração, e a Santa hia concebendo esperanças, quando hum successo as realisou. Clovis hia dar huma Batalha aos Alemães; fez voto, se a ganhasse, de adorar o Deos de Clotilde. Ganhou a Batalha, fez-se Christão. Passou logo a sacudir de França os falsos cultos, entre os quaes se distinguia o Arianismo. Porque este Heroe sem ter lido os Santos Padres, nem ultimamente o Grande Bossuet conhecia já, pela sabedoria de Clotilde, *que sendo a Igreja Catholica a Esposa de Jesus Christo, ella não póde admittir outra nos seus Paços, nem o Altissimo recebella, porque isto repugna a unidade do Consorcio.* Clovis assim o fez. Conquistou a França, e sujeitou-a á Lei do Christianismo. Se eu pertendo

verificar deste modo as sentenças immutaveis do Senhor Astro , ou se na verdade eu tive a fortuna de saber illustrar as suas passagens , isto se deve áquella *nota* interessante , sem a qual eu não poderia achar luzes tão involtas. Repare , meu rico amigo , como he interessante , e como he dever nosso ler os bons papeis com a maior prudencia , e imparcialidade. Se V. m. assim o tivesse feito não andaria para traz , e para diante com os Astros na mão , sem saber extrahir delles , como a abelha das flores , o mel da instrucção universal , tão difficil de encontrar-se , mas tão abundante naquelles cortiços. Quando pagará V. m. o pezadissimo encargo , de ter causado com a sua Carta hum abatimento tão grande na estabelecida reputação dos Astros ! . . . Para que pertende V. m. cortar o fio a tão importantes materias ? Veja o damno , que tem causado ! . . . Nós Portuguezes pensando em huma Constituição , que possa segurar a nossa liberdade , que não he outra cousa , senão o obedecer só ás Leis , que *sem offender o Sagrado decoro do nosso Augusto Monarcha* , como elle se dignou advertir-nos , estabelecesse a justa , e moderada separação dos deveres , não tendo outro fim senão a *estabilidade da Paz ; e da abundancia , unica ventura das Nações* ; tinham-nos lembrado dous , ou tres poderes , o Astro já tinha achado quatro , e se V. m. o não interrompe estaríamos em seis , ou sete , e por consequencia muito mais seguros , e poderosos. Espero que estas minhas reflexões em sua defeza lhes communicarem novas forças , para que não desista de ensinar-nos com erudição , e valentia , como nos devemos portar em algumas materias , a que *obstão Costumes , Religião , Juramentos , e Politica* , ás quaes só o seu animo se affoita.

Ora Senhor Compadre , aqui me fico. O que deixo de explicar-lhe irá V. m. aprendendo do proprio

Astro, na resposta, que continua á sua desventurada Carta. Porém o que V. m. deve já ficar sabendo he, que se os Representantes da Nação se não governão pelos Periodicos, se não consultarem os oraculos (que elles bem fallão) nós ficaremos só com alguma amostra de liberdade, sem ao menos alcançarmos aquella, que diz a *nota*; *Ser tão conforme aos principios do Evangelho, e do Direito do Homem.* Fique sabendo mais, pois eu este proveito tenho tirado das suas Leituras, que para se organizar huma Constituição, ou Lei fundamental da Monarquia Portugueza, não basta jurar a conservação, e observancia da unica Religião verdadeira, Catholica Apostolica Romana. Obediencia, fidelidade, e adhesão perpetua á Sagrada, e Individual Pessoa do nosso Amado Soberano o Senhor Rei D. João VI. e sua Augusta Dynastia. Assegurar huma fonte livre de Sabedoria, para a formação das Leis. Tornar incorruptivel o respeitavel Deposito das Rendas do Estado. Reformar as Administrações publicas. Proporcionar os Impostos. Diffinir a responsabilidade dos Magistrados, e esperar tudo da bondade, e paternal amor do nosso Poderoso Monarcha; he necessario mais, segundo os Oraculos, he preciso pôr os Frades á Viola, e as Freiras na rua; he necessario ter dó dos Cadetes, e trinchar as casas illustres, para que não possam conservar hum decoro, que todos não podem igualar; he necessario destruir as Companhias de Agricultura, e Commercio, as Irmandades, e privilegios dos Officios &c. Pôr em Camaradagem o habito de S. Pedro, com as Japonas de Mafoma, e os mantos dos Chinas, com as capas dos Arrabidos: e finalmente outras preciosidades mais, que se achão avulsas nos thesouros descobertos das Collecções dos Periodicos.

Se V. m. assentar nisto, eu me dou por satisfei-

to de ter cooperado para se dar áquelles papeis a attenção , e respeito , que pelas suas desaffogadas lembranças merecem.

A Deos meu Compadre ; tenho-me estendido muito. O ardor que tive , de ver cortar sem dó pelas suas sinceras Cartas tem-me feito expôr á colera de huma nuvem de papeis , que me pódem enterrar vivo. Porém eu lhes peço , que se não portem comigo como fizeram com a sua Humilia. Se este meu Commentario não pescou , como eu queria , e dezejo , os sentidos obvios das suas loquellas ; espero huma Capitulação honrosa , para a qual , me dou já por citado.

Senhor Compadre , não esmoreça , que o barquinho irá livre dos Cachopos. Já temos Pilotos ao Leme ; e agora , graças ao Ceo , ainda que os ventos berrem , elle hade hir sereno pelo meio do Tejo. Embora lhe soprem os Golfinhos , a hum , e a outro bordo. Elle não tocará no Caes das Columnas , nem dará comsigo no Pontal de Cacilhas. Vai em linha recta porque os Pilotos são rectos. E eu sou

Lisboa 30 de Janeiro  
de 1821.

De V. m.

O Compadre de Lisboa.

*P. S.* As Imprensas estão embargadas , pelos Periodicos : he agora impossivel o responder a tempo em letra redonda.

*João Carapuceiro.*

F I M.

